

## Editorial

*Na cronologia do ano estamos no Outono. Na cronologia da vida estamos no Outono. Tempo de frutos sazonados. Tempo de colheita.*

*Amigos, na Primavera da vida, estávamos no Seminário (sementeira) e lá plantados e cuidados por excelentes jardineiros, nossos superiores, bebemos a seiva de uma formação segura, fomos rorejados pelo orvalho da amizade e aquecidos pelo sol do Deus da nossa juventude.*

*Vencemos o Verão quente e desafiador realizando nossa vocação sacerdotal, familiar ou profissional. Hoje, em nosso Outono, colhemos os frutos da saudade, da amizade, da solidariedade, do dever cumprido, mas nossa oração continua dirigida ao Deus que alegra a nossa juventude... "ad Deum qui laetificat juventutem meam", porque o coração e a mente não envelhecem e prova disto é a nossa vivência, colegas de ontem e de sempre, renovados em cada encontro, em cada abraço, em cada aperto de mão.*

*Éramos e somos felizes por nos amarmos. Vivemos dispersos, mas unidos por uma força interior que nos sustenta.*

*Vamos para o nosso Cinquentenário. A grande família vai se encontrar como se o tempo não tivesse passado e viveremos momentos de eternidade.*

*Atílio e Almeida conversam com o Côn. Noé. O Lourenço (Perereca) une Pirapora ao Ibaté. Mons. Renato recorda nossa piscina. Mais colegas são localizados. Nossa correspondência se avoluma. O Waldemar Waldir verseja.*

*Eis mais um Echus, informando, recordando, matando saudades, umindo.*

*Barbieri (49-53)*

## Prêmio Jabuti de Tradução

O Atílio informa que o nosso colega Cláudio Giordano (1951/1957) recebe, no dia 23/04/99, no Salão do Livro, o Prêmio Jabuti de Tradução, premiação concedida pela Câmara Brasileira do Livro pela tradução do catalão do romance de cavalaria publicado em 1490:

"Tirant lo Blanc". Esse romance é considerado um monumento da literatura catalã. É a primeira tradução e edição em língua portuguesa. O catalão, língua românica similar ao provençal, é o idioma tradicional da Catalunha, Andorra e Ilhas Baleares.

## Colegas Localizados

O Antônio da Aparecida Simões Cuccio informa que localizou os colegas: José Rumão Umbelino (68/69), Paulo Rumão Umbelino (71/72), Gabriel Francisco dos Santos (59/62), José Tadeu Mol Carneiro (66), Pedro Afonso Tadiello (66), José Antônio Beluco (66/68), Luiz Mucciolo (49), Oshiro Kumayama (57), Roberto Viviane Marcondes (70/73) e José Cláudio Ormelege (61). O Luiz Antonio Rosati (59) também foi localizado pelo Simões através de um tio, o Alirio Joaquim Rosati, seminarista em Ribeirão

Preto que, quando cursou Teologia no Ipiranga, foi contemporâneo de vários colegas do Ibaté, entre eles o Darcy Corazza e o Ary Joly a quem enviou um grande abraço. O Simões esclarece também que foi informado por familiares do falecimento, ocorrido há mais de seis meses, do colega Luiz Carlos Barbezán (59);

O Alfredo Barbieri informa que localizou o colega Dino Zanardo Filho (64);

O Wilson Mosca informa que localizou o colega Jádilney Pinto de Figueiredo (55/56).

## Retrospectiva



Gincana na chácara do Almeida em mar/96

Fierro, Justo, Márcio, Gilberto, Santiago, Feliciano, Cosso, Gobbi, Almeida, Araça e Rovino

Fioravanti jogando a bola e Jones na porta

## Piraporenses X Ibatenses (Galante X Lourenço Perereca)

Lourenço Medeiros Fernandes – Perereca (1949) ▼

Dois times arrojados, dois elos que formam a grande família e uma engrenagem humana que perdura a poucos meses do seu cinquentenário.

Eu me lembro e recordo muito bem que era um garoto com vocação a ser Pe. "Que bom". Tempos passados que não voltam jamais. Comparo estes mesmos com muita saudade e alegria, pois são iguais às nascentes que brotam no meio das rochas, como águas cristalinas, percorrem vários caminhos, saciam a sede de tantos povos mais longínquos da sociedade e chegam até os lares das grandes cidades. Todavia as águas destas nascentes não voltam mais! E sim abrem novos caminhos para a grande sociedade em que vivemos.

Escrevo este pequeno preâmbulo, querendo me reportar aos colegas mais antigos "Piraporenses" mencionando alguns como: O Adail, Ivo Pizzotti, Godinho, Darcy Corazza, Côn. Laerte, Jurandir Amadi e outros tantos que permanecem no meu dia-a-dia. Os nomes e as palavras grifadas são para mim todos aqueles que

moram em nossos corações, tendo a felicidade de serem também os fundadores do time que hoje com grande alegria e orgulho fazemos parte (os Ibatenses e Piraporenses) e mais ainda, estamos nos preparando e concentrando para comemorarmos o nosso

*O jantar em clima de  
alegria total continua  
sempre nos  
proporcionando as  
deliciosas saladas  
seguidas da famosa  
"picanha" e no fim  
aquele cafezinho  
como saideira.*

50 anos de Ex-alunos do Ibaté. A propósito, em nossos encontros nas 1<sup>as</sup>. Sextas-feiras de cada mês, nos reunimos no Circolo Italiano, com grande amizade, seguido de cronogramas para o grande evento comemorativo do nosso "Cinquentenário" e logo após o encontro em forma de uma

reunião, nos dirigimos ao Boi na Brasa e com grande orgulho nos deparamos e nos congratamos com os Veteranos de Pirapora entre eles o "Galante" que sempre com uma forma eloqüente sobressai dirigindo ao grupo Ibatense, elogios a todos que ali estão e que passaram pelo Seminário Menor de Pirapora dos Cônegos. Premonstratenses. O jantar em clima de alegria total continua sempre nos proporcionando as deliciosas saladas seguidas da famosa "picanha" e no fim aquele cafezinho como saideira. Colegas Ibatenses não estou citando nomes em evidência do nosso grupo, porque os mesmos já são de conhecimento através do nosso "ECHUS DO IBATÉ" Ano 7 - nº 28. Nessa descrição espontânea alusiva, faço-me "Porta Voz" dos demais colegas, desejando que continuemos firmes nesta jornada não só até os 50 anos de comemoração que será no dia 21/08/99, mas sim por toda a nossa vida familiar e fraterna, sabendo que o futuro a Deus pertence. Sejam os otimistas hoje e sempre.

### EXPEDIENTE

#### • Colaboradores:

Atílio, Almeida, Justo, Mosca, Lourenço Medeiros, Renato Artamendi, Waldemar Waldir e Côn. Noé.

#### • Artigos e colaborações:

Echus do Ibaté  
Caixa Postal 71.509 - São Paulo / SP  
CEP 05.021-990

Obs. Se possível enviar material em disquete (texto em word e fotos em formato jpg)

#### • Responsabilidade

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, não expressando necessariamente a opinião da equipe de coordenação

#### • Internet

<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/8915>

E-mails: [ibate@base.com.br](mailto:ibate@base.com.br)  
[ibate@hotmail.com](mailto:ibate@hotmail.com)

### Fluxo Financeiro

Posição até 31/03/1999

<b>Entradas</b> .....	
Contribuições e doações	499,06
Juros	27,15
<b>Total</b>	<b>526,21</b>
<b>Saídas</b> .....	
Informativos nº 29	260,00
Postagem informativo nº 29	226,67
Despesas bancárias	5,94
<b>Total</b>	<b>492,61</b>
<b>Demonstração do Saldo</b> .....	
Saldo Anterior 28/02/99	3.736,76
Entradas	526,21
Saídas	492,61
<b>SALDO ATUAL</b>	<b>3,770,36</b>

Tesoureiros: Carlos D. Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

## Nossa Correspondência

• **Do Geraldo da Silva Melo** – Goiano (1957/1958) - O ano passado fui contatado pelo Oliveira (ex-padre Oliveira) em Goiânia, onde moramos e foi com imensa satisfação que passei a receber o "ECHUS".

Hoje ao receber o nº 28, emocionou-me bastante ao distinguir na PHOTO ANTIQUA entre tantos colegas, o meu perfil (aos 18 anos) no arco central, ao lado do colega "Bicho-Bicho", apelido do bom Lituano.

Pertenci a turma dos Goianos que emigrou do Seminário St<sup>o</sup>. Cruz de Silvânia-Go para o "Metropolitano do Ibaté", Eu, Jadilney, Licínio de Paiva, em 1957, ali permanecendo até partirmos para Aparecida do Norte onde iniciamos o curso de Filosofia. Bons Tempos !...

O Jaldiney mora em Brasília onde se aposentou como alto funcionário do Senado.

O Licínio formou-se em Direito, advogou por muitos anos, vindo a falecer ano passado na cidade de Corumbá-Go.

Hoje encontro-me na Assessoria do Tribunal de Justiça de Góias, onde aposentei-me como Juiz de Direito.

Nunca me esqueci de sua figura amigo Justo, e hoje aqui também relembro-me do colega Clóvis, certa vez, juntamente com o também colega Napoleão, formamos um trio sertanejo e apresentamos no palco uma "embolada"



que denominamos de "Rancheira" – foi uma beleza ver aqueles três ao violão, iniciando a carreira de cantores que infelizmente não chegou a decolar.

Queria continuar divagando pelos tempos idos e saudosos, mas te-rei oportunidade de fazê-lo no dia 21/08/99, pois pretendo comparecer à confraternização que nesse dia se dará.

Abraços a você e a todos os ex-colegas, com imensa saudade!

"ECHUS" esclarece: O colega Jadilney Pinto de Figueiredo já foi localizado.

\*\*\*

• **Do Deoreste Luiz de Souza** - Tem sido gentileza sua o envio regular de um exemplar do Echus. Obrigada.

Hoje faz parte de nosso "modus vivendi" a leitura e o saboreio gostoso entre eu, minha esposa Marlucci e os filhos Hamilton, Maria Crystina, Maria Ruth e Thiago. É bom recordar um período de nossa vida, quando nosso caráter e padrões de comportamento estavam em formação.

É extremamente agradável saber que companheiros como Darci Corazza, Furlanetto, Pedro Sanzone, do Largo do Belém, o fanático Palmeirense morador da Rua Sorocabanos, o Fierro e o Poty que graças a Deus tínhamos uma informação errada do seu falecimento, todos esbanjando a bondade de seus sexagenários corações, muito própria de um ex-ibateano.

Foi gratificante caminhar junto com o Paulo de Oliveira quando ele "recorda" o Barbieri e o famoso "PAINEL DA BRANCA DE NEVE".

É muito bom saber que o Paulo de Oliveira está vivo e com saúde, ele que foi o apadrinhado de Dona Marocas de saudosa lembrança, no

Seminarinho do Pavézio. Ele que com o cotovelo parcialmente estourado, fruto de uma desleal entrada por traz, continua com o braço erguido a perdoar, perdoe-me, até hoje tenho na lembrança este momento fatídico.

Peço ao amigo Justo o favor de enviar uma relação com os telefones dos que passaram pelo Seminário Menor de Ibaté.

Prezados colegas: são memórias, recordações, experiências que numa análise bem sucinta nos mostra quão importante foi a nossa passagem pelo Seminário Menor, período onde basicamente o nosso caráter e padrões de vida foram forjados, permitindo-nos saborear vitórias e sucessos na formação de um lar cristão e saudável. Graças a Deus foi me dado a oportunidade de passar pelo IBATÉ.

Um fraternal abraço a todos.

\*\*\*

• **Do Letterio Santoro** - Prezados companheiros, Há exatos quarenta anos, em 1959, minha turma sofria uma grande frustração. Vestir a batina era, naquele tempo, o grande sonho que todos acalentávamos como seminaristas. Figurava-se-nos o primeiro passo rumo ao Sacerdócio, mal terminávamos o colegial. Teríamos também nós gostado de provar as emoções que outras turmas, antes da nossa, provaram, ao ouvir o coro cantando o "Quam dilecta habitacula tua Domine virtutum", enquanto se impunha aos finalistas a sagrada veste. E eis que, de repente, perdíamos essa oportunidade, e ficávamos frustrados.

Passados tantos anos, permito-me deixar à apreciação dos companheiros um soneto singelo, composto quase certamente na 5<sup>a</sup>. Sé-

(continua na página 4...)

(...continuação da página 3)

rie, ainda embalado pelo sonho de vestir, no ano seguinte, a sagrada túnica.

### MINHA BATINA

Amo-te tanto, humilima batina,  
negro estandarte do Ideal mais belo!  
O teu feitio nobre, mas singelo,  
desprezo deste mundo só me ensina...

És uma nesga santa da divina  
veste de Cristo, pura e imaculada.  
És toda de seu sangue recamada,  
és luz, e céu, és mesmo peregrina.

O mundo te rejeita zombeteiro;  
odeia-te, formoso relicário;  
não sabe teu excelso paradeiro.

Mas, quando eu te puser, da vez primeira  
até o meu supremo desenlace,  
serás a minha eterna companheira.

Não é lá aquele primor, como os sonetos dos poetas maiores do colégio, mas serve para lembrar o sonho de nossa adolescência, frustrado pelas mudanças de então.

Abraços fraternos.

★★★

• Do Waldemar Ruis Miranda - Tenho recebido regularmente e lido com interesse o "Echus do Ibaté". Procuro neste informativo algumas lembranças do passado tão remoto. Eu devo ter entrado no Seminário de Pirapora com a idade de 10 anos, isto há 52 anos atrás. No ano seguinte a minha entrada o Seminário foi desativado e mudou-se para São Roque. Eu sou como goleiro por onde eu passo não nasce grama. No ano seguinte eu fui dispensado do Seminário de São Roque. De uma forma ou de outra eu sou um vocacionado pois há mais de 20 anos sou um "vicentino" Estou encaminhando junto a esta uma foto dos primeiros padres do Seminário Menor de São Roque que eu gostaria,

se possível, fosse publicada.

★★★

• Do Pe. Otto Dana - Companheiros do Ibaté, Ad Jesum per Mariam! Até parece que ainda sei latim! Desenterrei esta saudação do meio de uns alfarrábios, como dizia o bom Pe. Rui (ou era outro?!).

Tenho recebido o ECHUS de uns tempos pra cá. Idéia bem achada, já que obriga a revirar o fundo do baú para encontrar fotos, rascunhos, diários e reencontrar aqueles rostos que compuseram nossa biografia na adolescência e na juventude. Hoje compõem a saudade e o desejo de reconstituir o passado. Se já não pensara nisso, sugiro que se monte um grande painel com fotos e outros detalhes que recuperem um pouca da memória coletiva no dia do encontro do Jubileu.

Devo ter passado pelo Ibaté entre 53 a 59. Me distraía compondo alguns "mite Domine" e regendo a Schola Cantorum e a banda. Poderíamos ter gravado um CD do "Va Pensiero!".

Sou dos poucos sobreviventes da turma que ainda teima em continuar como padre. Castigo o povo da Catedral de Piracicaba e brinco de dar aulas de filosofia, enganando as alunas de Pedagogia da UNESP. Se o governo não caçar de vez, estou às portas da aposentadoria.

Estou enviando minha contribuição mensal, agora declarada, já que vocês não aceitam anônima. Estaremos lá, no dia 21 de agosto, se o reumatismo deixar. Abraços a todos.



## Echus Visita

Attilio Brunacci (1949/1951) e Antonio J. Almeida (1963/1966)

Em 24 de Março de 1998 visitamos o CÔNEGO NOÉ RODRIGUES, que foi professor de Matemática, história e desenho no Seminário do Ibaté, durante o ano de 1951.

O Côn. Noé nasceu em 17/06/1917 na cidade de Botucatu (SP), tendo se transferido para a Capital de São Paulo, juntamente com a família, no ano de 1935, onde concluiu seus estudos de Magistério Profissional no Colégio Caetano de Campos. Foi professor primário durante quatro anos e com 22 anos foi para o Seminário Central do Ipiranga. Foi ordenado padre em 08/12/1950 na Igreja Santa Ifigênia, Catedral Provisória de São Paulo naquela época. Lecionou no Seminário de São Roque durante o ano de 1951 e depois foi para o Seminário de Aparecida, onde lecionou por quatorze anos. Em seguida lecionou dois anos no Seminário Central do Ipiranga, onde também foi vice-reitor.

Na década de sessenta foi nomeado Pároco da Igreja de Nossa Senhora da Expectação do Ó, no bairro da Freguesia do Ó em São Paulo, onde está há mais de trinta anos. Em 1998 se afastou das funções de pároco para se dedicar mais às Obras Sociais da Comunidade de N. S. do Ó.

A seguir, trechos da entrevista concedida ao "Echus":

**Côn. Noé:** Eu fui para o Seminário Central do Ipiranga porque, mesmo não sabendo latim, pois se estudava muito pouco no colégio, Dom Gaspar, que era o Arcebispo da Cidade de São Paulo, permitiu-me matricular no primeiro ano de filosofia para estudar latim, grego e português durante um ano. Dessa forma consegui habilitar-me para fazer o curso de filosofia, porque naquela época era ministrada em latim. Então cursei o primeiro ano da filosofia. Como fiquei doente, interrompi o curso e fui continuá-lo na cidade de Belo Horizonte.

**Echus:** Para o Sr., o que significa "vocação para padre", o que é "isso"? O que o Sr. acha que se passava no íntimo do menino que queria ser padre, o que

ele entendia? O Sr. achava que todos que estavam lá iriam ser padres? Os outros padres também tinham essa visão?

**Côn. Noé:** Não, sabíamos que nem todos iriam tornar-se padres. Nós como padres, tratando dos vocacionados, vamos dizer assim, tratávamos como o cultivo de uma semente, uma plantinha que tem de ser cultivada, então vai se cultivando no entendimento de eles querem ser padres. Nós estávamos cultivando nesse sentido, mas também observando as pessoas para que, se num dado momento elas sentissem que não tinham vocação, nós aconselhávamos: "não, meu filho, aqui não é o seu lugar, você deve sair e seguir o seu caminho, podendo servir a Deus da mesma forma". Então havia realmente essa preocupação de cultivar uma vocação, mas sem perder de vista a realidade. Nessa idade, menino, como você pode prever que, na maturidade, ele irá escolher a carreira de padre? Depois ele tem que se definir também, não é só o chamado de Deus. Jesus disse: "se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e me segue", mas ele deixou a decisão para o jovem, se ele queria mesmo. Há o chamamento mas também tem de haver a resposta ao chamamento.

**Echus:** Qual é a história da sua vocação?

**Côn. Noé:** Eu cresci numa família religiosa, e também participei da comunidade dos frades capuchinhos lá da minha cidade de Botucatu; tinha uma base religiosa bastante boa. Quando eu tinha meus dez anos, recebi convite de um frade para ser padre, mas, na época, eu não queria. Mais tarde, quando fui entrando na juventude, eu tinha que ir decidindo as coisas, então me pus o problema da vocação - o que eu iria ser?. Orientado por uns padres, eu achei que minha vocação era o sacerdócio.

**Echus:** O Sr. acha que a decisão pela vocação na idade já madura é melhor?



**Cónego Noé Rodrigues**  
foto Almeida

A Igreja deveria trabalhar só nesse sentido, com vocações tardias?

**Côn. Noé:** É melhor sim, sobretudo nos tempos de hoje. O ambiente social é muito agressivo à vivência de espiritualidade. Então se há a intemação quando menino, ele perde o contato com esse mundo aqui e acaba não tendo esse crescimento espiritual na realidade do mundo. Quando ele sai grande e enfrenta essa realidade, tem uma crise. Mesmo que ele não vá para o sacerdócio. Eu acho que trabalhar com vocações depois de uma certa idade é melhor. Até não é trabalhar com vocações depois de uma certa idade, mas o recolhimento para uma casa de formação deve se dar depois de uma certa idade, jovem, maduro, com seus vinte anos, conhecendo a realidade social de hoje. Conhecer quer dizer conhecer na prática, porque o conhecimento teórico os padres procuravam dar aos meninos no Seminário menor, mas não adianta nada, precisa conhecer na vida, viver a vida, então ele amadurece e a decisão dele é muito mais acertada. Eu me lembro em nosso tempo daqueles padres que foram para o Seminário depois de jovem, tiveram menos dificuldades de adaptação na vida prática. Mas, durante o tempo de criança, fora do seminário, deve-se cuidar da formação dessas vocações. Ir acompanhando esses adolescentes, esses jovens.

(continua na página 6...)

(...continuação da página 5)

**Echus:** Pe. Noé, hoje a gente vê essas pessoas que vão para o seminário depois dessa experiência de vida e que são inseguros depois de padre. Cada vez que a gente se encontra com eles em um casamento ou outra celebração, percebe-se o quanto são fúteis, diferentes daqueles que foram crianças para o seminário, tiveram dificuldades, mas parece que têm mais consistência na formação?

**Côn. Noé:** Mas talvez não porque foi criança para o seminário; como foi criança, realmente teve oportunidade de ter uma formação mais profunda. Mas veja o que eu falei agora, não é cuidar da vocação depois que é adulto, mas cuidar durante o tempo de criança, fora do seminário, com outra metodologia, outra realidade, ir acompanhando essas crianças, esses jovens.

**Echus:** O senhor não acha que o seminário nos moldes antigos, embora com todas as suas limitações e dificuldades, têm pontos positivos que ajudaram a geração de padres de hoje? Quem não passou pelo seminário menor não tem amizade, os padres da nova geração não têm amizade, quem passou sete anos juntos no seminário menor, vive mais com alguém do seminário do que com os próprios irmãos. Quem não fez seminário fica isolado, não conhece os outros padres.

**Côn. Noé:** Por exemplo, eu presenciei a mudança dos seminários diocesanos para o seminário central, e depois a divisão novamente, a volta para os seminários diocesanos. Nessa época do Seminário Central eu notei uma coisa muito positiva, a amizade entre os padres. Então eu saí daqui vou para Ribeirão Preto e encontro um amigo lá; vou para Presidente Prudente tenho outro amigo lá. Porém, os que ficaram separados nos seminários Diocesanos não têm amigos em outros lugares. Agora, como a Diocese de São Paulo é muito grande, é dividida em regiões, então eu não conheço o padre do Ipiranga, o padre de Santana, Osasco e a gente se sente mais isolado. Aí você tem razão.

**Côn. Noé:** Aqui no meu "paróquia",

pela experiência que tenho tido, vejo que a gente precisa cuidar de todas as idades, de todas as faixas etárias manter sob cultivo, mas eu não consegui o ideal que tenho na cabeça.: Ter equipes de dirigentes bem capazes, que dirigissem cada grupo etário. Por exemplo o de adolescentes, é um movimento muito bom. Primeiro, porque nos dias de hoje sobretudo, o movimento de adolescente na igreja pode tirar muito adolescente, jovem, das drogas. Ele sai de casa, quer se ver livre da família, grita independência mesmo. Então ele sai, e encontrando um grupo bom se preserva, não encontrando ele vai para qualquer caminho. Mas não consegui o que pretendia, uma equipe boa de gente que estudasse inclusive psicologia, essas coisas todas, e cuidasse dos adolescentes com a dinâmica deles, fazer excursão, teatro, espiritualidade, música, esporte. Porque se não trabalhar com a psicologia deles, não funciona, impõe-se fazer palestra só; naquela dinâmica dele, você vai introduzindo a coisa boa. A minha idéia é essa, mas eu sinto que a igreja está muito parada nesse ponto, a pastoral de juventude esta parada, de adolescente nem se fala, entendeu, e depois as famílias também, os movimentos de casais.

**Echus:** O Sr. não acha que o problema é sistêmico porque tem-se que fazer um trabalho também com os pais?

**Côn. Noé:** Mas você faz naturalmente, quando começa motivar os adolescentes. Eu tive aqui essa experiência, quando você começa juntar os adolescente para alguma coisa, os pais começam a se despertar. Aí você esta motivando, você convoca, eles vêm, não vêm todos, que venham 10 por cento, você está com um grupo melhor, e aquilo vem crescendo.

Quando cheguei aqui eles falavam muito de conflitos de gerações (pai não entende o filho, filho não entende o pai), e pela experiência que tive eu consegui famílias que se entrosassem, porque a criança estava aqui no catecismo, adolescente estava aqui no nosso grupo, os casais fizeram encontro de casais e estão aqui conosco. Então, numa mesma família eles começam a se entender agora porque fizeram essa caminhada.

**Echus:** Acho que esse é o verdadeiro sentido de paróquia.

**Côn. Noé:** É verdade, formar comunidade.

**Echus:** Comunidade baseada na célula natural, que é a família.

**Côn. Noé:** É lógico, você não pode deixar a família. Eu acho que você consegue assim. Mas o que eu vejo é o seguinte: você pega documentos da Igreja, são muito bons, a análise da realidade é perfeita, mas os caminhos não encontramos ainda.

**Echus:** Quantos padres trabalham aqui, só o senhor?

**Côn. Noé:** Não, aqui agora são dois padres.

**Echus:** O senhor e outro?

**Côn. Noé:** Sim. A paróquia é pequena de território, tem 40 mil habitantes. Tem 33 prédios.

**Echus:** A sua atuação chega a 5% desses 40 mil habitantes?

**Côn. Noé:** Não chega. Que freqüenta à missa chega a 5%. Esses que freqüentam a missa não são participantes. Os que são participantes não chegam a 1%.

**Echus:** É o suficiente para o senhor se desgastar? Eles são leigos?

**Côn. Noé:** É claro. A gente tem debatido muito esses problemas, mas eu acho que não....

**Echus:** O senhor coloca que não só a falta de pessoas especializadas para trabalhar junto à comunidade, mas também não existe metodologia, instrumental para colocar isso em prática, a Igreja não delineou caminhos mais objetivos para isso?

**Côn. Noé:** Em parte sim. Em parte a Igreja tem procurado encontrar esses instrumentos de trabalho. Não sei se sem um plano concreto de trabalho, porque há muitos projetos, vamos dizer assim, lançados para o trabalho de evangelização, mas parece que não tem unidade, não sei.

**Echus:** Pe. Noé, a experiência que a gente tem de trabalhar em empresa, quando vai fazer um projeto conta o que a gente quer, a metodologia e os recursos. Com relação a projetos a Igreja tem a pastoral, mas e os recursos? Aonde eu vou buscar um psicólogo para fazer

(continua na página 7...)

(...continuação da página 6)

um trabalho, aonde eu vou buscar alguém para a equipe de casais? Nisso o senhor tem razão.

**Côn. Noé:** Nós temos discutido também o seguinte: essas seitas hoje por aí parecem que tem líderes 2 por quatro. Como que elas conseguem? São verdadeiros líderes, eles lotam a igreja.

**Echus:** Isso é fácil, o senhor gostaria de ter a profundidade que eles têm?

**Côn. Noé:** Mas ao mesmo tempo que eles não têm profundidade nenhuma, eu olhando a minha turma daqui, formada no meu tempo, tem muita gente com capacidade, mas eles não são atuantes como um líder, não são capazes de sair daqui e formar um grupo de rua lá, pregar o evangelho, criar uma escola ali, criar qualquer coisa. Mas alguém disse: Padre, lá eles ganham!

**Echus:** Isso é um motivo. Eu acho que por dinheiro, no bom sentido, a gente faz tudo.

**Côn. Noé:** É que faz falta, você não pode deixar a sua família e se dedicar. Se eu quisesse arranjar 20 líderes aqui na minha comunidade, eu conseguiria. Mas eles têm que largar a família e ganhar para sua subsistência; depois eles vão se dedicar e se preparar.

**Echus:** Não é cultura da Igreja esse tipo

de trabalho, nós, os padres, acostumamos os paroquianos a vir na Igreja para buscar tudo de mão beijada em troca de nada, na comunhão, no batismo, no casamento; aqui é uma espécie de supermercado de Deus.

**Côn. Noé:** Mas nós estamos mudando isso aí, mas, por enquanto, só na teoria, foi feita muito pouca coisa. Olha o Toninho aqui, ele não poderia fazer um trabalho de evangelização? é só um exemplo. Outra coisa, os padres que se casaram (eu tenho uns padres casados aqui que vem se queixar comigo), quantos que gostariam de trabalhar e são bloqueados pela própria lei da Igreja.

**Echus:** Eu, Attilio, acho que não é a lei da Igreja não, porque eu pouco estou ligando para a lei da Igreja. Há algum tempo atrás passamos um fim de semana na fazenda do Serginho Fioravante, na cidade de Buri. Lá estavam uns quarenta, padres, entre os quais eu, o Corazza e o Furlaneto. À tarde, no sábado, tivemos uma reunião com a turma e rezamos uma missa na capelinha, o senhor precisa ver que coisa bonita! Eu não vou atrás de lei, vou atrás das minhas convicções, a lei é um limite, não vou querer abusar, respeito. Acho que o maior bloqueio desses padres casados são os próprios colegas que se sentem meio inseguros. Eu já me ofe-

reci para o Gaspar, é difícil.

**Côn. Noé:** Uma vez Dom Angélico, que é nosso Bispo regional aqui, conversou sobre isso, mas achou que hoje não é solução trazê-los para trabalhar na Igreja porque eles estão longe de nossa caminhada.

**Echus:** Mas podia colaborar, aí é que está...

**Côn. Noé:** Mas é claro!

**Echus:** Estão longe na medida em que a Igreja está atrás, eu acho que é nesse sentido, não é?

**Côn. Noé:** Não, no sentido em que a Igreja tem caminhado nessas reflexões de pastoral, evangelizações, vendo problemas modernos, atuais. Ele acha que os padres casados ficaram lá com aquela estrutura e idéia da época em que eles saíram, e a idéia dele foi essa.

**Echus:** Ele generalizou! Tem gente da pesada fazendo um bom trabalho.

**Echus:** Nesse nosso movimento a gente tem a participação de muitos, o Attilio é um, mas tem várias pessoas que foram padres e que a gente tem contato, pelo menos eventual, com trabalhos de pastoral O Corazza é outro exemplo. Ele tem uma comunidade, o Celso Queiroz dá risada. Contudo, percebe-se que é criada uma dificuldade de aproximação desses padres casados nas paróquias, há sempre receios e bloqueios.

## Poesia

Do livro "Habitantes do Silêncio" do colega Waldemar Waldir de Faria (1955/1958)

### Semântica

em algum lugar,  
encontrarei sílabas  
tônicas desfeitas  
em átonas.

Vou colocá-las na patena  
de meus lábios.  
Vou aquecê-las e, depois,  
emendá-las em versos

### Descoberta

se você ainda insistir  
consequirá ver o oceano  
que inventei,  
em suas mãos:  
há luz de barcos  
e um soneto de espumas.

## Na Casa do Pai

Faleceu no dia 15/04/99, em São Paulo, o nosso colega Neolir Antonio Montini (1963-67)

## ENSAIO DO CORAL PARA O IV ENCONTRO

**Dia 15 de Maio  
às 9 horas**

Local: CÚRIA  
Av. Higienópolis, 890  
(com estacionamento)

## Piscina

Mons. Renato Artamendi (1958/1959) ▼

O Seminário do Ibaté era famoso por ter aparelho de televisão onde assistíamos aos domingos de manhã os "Concertos Matinais Mercedes Benz" e por ter piscina. Grosseira mais tinha. E para nós constituía o máximo da mordomia.

Porém nem tudo foi alegria neste recanto aquático. Em 1952 morreu nela, de congestão, o aluno Jesús Gottardelo. Lembro-me de que no dia de Finados de 1959 os "prefeitos" das divisões (São José, São Luiz e São Domingos) foram de manhã

tivesse desmaiado mas o Pe. Rui chegou e o viu morto. Na hora deu-lhe a absolvição falando bem alto no ouvido dele. Tinha uns quinze anos.

Seu corpo foi velado num quarto do andar térreo até à 1,30 horas da madrugada. Ai chegou seu pai e o levou para São Paulo onde morava.. Ia ser sepultado no Araçá. Foi a noite mais triste do Seminário. Silêncio total. Uns velavam o corpo, outros rezavam, outros vagueavam pelos corredores. Ninguém conse-



piscina 1957

ao cemitério de São Roque visitar seu túmulo. Depositamos algumas flores e rezamos o "De Profundis" (Salmo 129). Depois passamos na igreja matriz onde o pároco, Pe. Luciano, nos deu sorvete. Com aquele calor, foi uma dádiva.

Esta morte explica o cuidado que o Pe. Constantino tinha conosco. Ninguém podia entrar na água antes de completar duas horas após a última refeição. Mesmo se tivéssemos comido uma bolacha. Ele era rígido.

Neste mesmo ano de 59, dia 26 de maio, estávamos no recreio das 10 horas quando o José Benedito Guimarães, jogando espiribol, sentiu-se mal e caiu. Pensávamos que

guiu dormir direito.

Na noite anterior houve bênção do Santíssimo e o José Benedito serviu como tochífero. Por um motivo qualquer a vela de sua tocha apagou. A única. Nos dias seguintes ao falecimento o comentário era um só: foi aviso. À partir daí todo mundo passou a cuidar muito bem da sua tocha. Vai saber.

**MAGA**  
Corretora de Seguros Ltda.

**ALFAMARC**  
Corretora de Seguros Ltda.

FAÇA SEGURO CONOSCO!  
Além do tratamento VIP, desconto especial para os ex-alunos do Ibaté. Ambas corretoras são do colega Mário Gambassi Luz Angelini (58/61)  
Rua S. Gabriel, 555 cj. 410 - São Paulo - SP  
TEL. (011) 881-3977

## Contribuições

Depósito INSTANTÂNEO BRADESCO conta 226990-2, agência 95-7 (Nova Central-SP). Enviar cópia do comprovante de depósito com o seu nome no verso. Obs.: C/C está em nome dos tesoureiros: Carlos Domingues Cosso e/ou Wilson Mosca e/ou Gilberto Cianfloni Lucarts.

## Agradecimentos

A Família Ibateana agradece as CONTRIBUIÇÕES ESPONTÂNEAS RECEBIDAS até 31/03/1999: Nadir Firmino, Dionísio Leite Costa, Almir Pessoa Cesar, Antonio da Aparecida Simões Cuccio, Alberto Pimenta Júnior, Joaquim Barbosa de Oliveira, Carlos Domingues Cosso, João Steck, José Pedro Costa, Alfredo Barbieri, Wilson Mosca, Pe. Otto Danna.

**IMPORTANTE:** Há onze contribuições de colegas que ainda não conseguimos identificar. Solicitamos nos sejam sempre enviados, por telefone, fax ou carta, informações sobre os depósitos.

## E-Mails Recebidos

Do Mário Gambassi Luiz Angelini - Amigos, quando eu vejo fotos, lembro de um colega que morava em Jundiaí e que tinha um laboratório para revelar filmes, era o Ismael Mantovani. Vocês lembram dele? Acho que ele tem muitas fotos históricas. Pessoal, continuo aguardando endereços do pessoal daqui de Belo Horizonte. Quero fazer contato para estudar a possibilidade de levar uma caravana para o cinquentenário. [Maga@sincormg.com.br](mailto:Maga@sincormg.com.br)  
**Echus informa:** os endereços foram enviados por "e-mail" para o Mário.